

Turco é a mãe! O imaginário na formação cultural libanesa do Rio Grande do Sul da primeira metade do século XX¹

Eduardo RITTER²
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

A partir dos conceitos de diáspora de Hall (2009) e de imaginário de Silva (2020) e Durand (2021), esta pesquisa aborda como tais perspectivas se relacionam a partir do estudo de caso dos imigrantes libaneses que chegaram ao Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. No lugar comum, muitos brasileiros chamavam todos os ex-integrantes do Império Otomano de turcos, no entanto, cada nação tem as suas próprias características, como no caso libanês. Assim, após a chegada destes imigrantes alguns elementos aparecem como fundadores do imaginário da diáspora libanesa no Brasil, tais como a atividade econômica, a língua, os clubes e redes de apoio, matrimônio e a família e a relação com as pessoas que já estavam no Sul do Brasil.

Palavras-chave: Diáspora; Imaginário; Imigração; Identidade; História.

Considerações iniciais

O Líbano, país independente desde 1943, já pertenceu a diversos impérios e nações. A última foi a francesa, influência que se fortaleceu a partir do fim do Império Otomano (1299-1923). Porém, foi este último que ficou arraigado na imagem que os nativos construíram sobre os libaneses que imigraram para diversos países, dentre os quais o Brasil da virada do século XIX para o XX, pois eles chegavam ao país sul-americano com passaporte expedido pelo Império Otomano (BITTENCOURT-FRANCISCO, 2020). Assim, ao longo dos anos esses primeiros libaneses que chegaram ao Brasil acabaram desenvolvendo uma identidade cultural própria que, aos poucos, foi se desvinculando da imagem reducionista de “povo turco”. Surge, então, o problema de pesquisa do presente artigo: a partir da ideia de imaginário enquanto ambiente (Durant, 2001), como se formou a identidade cultural dos primeiros imigrantes libaneses do século XX que se estabeleceram no Rio Grande do Sul? Destarte, o objetivo principal desta pesquisa é refletir teoricamente, a partir de pesquisa bibliográfica e documental, como foi formada essa identidade que resultou, por exemplo, na criação da Academia

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Professor adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), email: rittergaucho@gmail.com.

Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências no final de 2022. Vale ressaltar que, conforme aponta Hall (2009, p.28), “presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior”, no entanto, a pobreza e o subdesenvolvimento, por exemplo, podem levar as pessoas a migrar, causando dispersão. “Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor”, acrescenta o autor.

Conforme estimativa feita pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil em 2018, estima-se que a população de libaneses e descendentes que vivem no país é de aproximadamente 7 milhões de pessoas, enquanto a população do país do Oriente Médio é de cerca de 5,5 milhões. Para entender como começou essa relação, contudo, é preciso inicialmente destacar o histórico de conflitos armados que acompanham o povo libanês ao longo dos séculos. Este é o objeto do primeiro tópico deste artigo. Na sequência, são apresentadas algumas reflexões sobre os conceitos de diáspora, baseado em Hall (2009), e de imaginário, principalmente a partir de Durand (2001) e Silva (2020). Posteriormente, são apresentadas as categorias selecionadas a partir da Análise de Conteúdo, de Bardin (2011) para, por fim, ser feita a análise do material, que é baseado no estudo de Bittencourt-Francisco (2020) que fez um levantamento qualitativo e quantitativo de imigrantes libaneses que chegaram ao estado a partir de consulta documental ao Arquivo Nacional, ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dentre outros documentos oficiais e imprensa da época.

Das guerras à diáspora: um breve histórico do Líbano e o surgimento da rota brasileira

Antes da independência, em 1943, o território onde hoje é o Líbano conta com uma história e uma formação complexa e multifacetada. Com origens ancestrais que remontam a civilizações antigas, ao longo dos séculos o território libanês viu o surgimento de impérios, disputas regionais e influências culturais variadas, moldando uma sociedade que incluiu na sua história a busca de refúgio e oportunidades em outras terras. Isso é o que sintetiza o repórter britânico, que viveu mais de 20 anos no Líbano, Robert Fisk. Em seu livro-reportagem *Pobre Nação*, que trata dos conflitos que marcaram a história do país com ênfase na Guerra Civil Libanesa (1975-1990), ele

comenta as diversas guerras que estão representadas no norte de Beirute, no Nahr al-Kelb, ou rio do Cachorro, totalizando 25 séculos de exércitos que são lembrados nas paredes do desfiladeiro.

A lista é grande, passando por nomes e povos históricos como Nabucodonosor II, a Terceira Legião Gaélica de Marcus Caracalla, os gregos, os assírios, os egípcios e os árabes, até a força expedicionária francesa de 1860, as tropas do general Gouraud no mandato francês e o Exército britânico de 1941. “Todos, de algum modo, foram impelidos a marcar sua passagem pelo leito desse pequeno riacho” (FISK, 2007, p.93). Como lembra o repórter, a Organização para a Libertação Palestina (OLP), os sírios, os sauditas, os norte-iemenitas, os sudaneses, os israelenses, os americanos, os franceses, os italianos, os britânicos, todos chegaram para restaurar a soberania do Líbano, prometeram não ficar mais do que o necessário, e acabaram permanecendo meses até serem enxotados em meio ao sofrimento e à indignidade.

Diante desse breve contexto, surge a pergunta: como e quando o Brasil entra na rota de imigração para os libaneses? O momento mais marcante é a passagem do então imperador Dom Pedro II pelo país. Antes disso, porém, houve massacres religiosos entre 1840 e 1860 que, segundo Meihy (2016), foram motivados pelas filiações confessionais dos cidadãos da região do Monte Líbano, em um intenso conflito envolvendo drusos e maronitas na época de forte apoio da França aos cristãos, além da chegada do exército egípcio de Ibrahim Pashá no país. “Os embates da segunda metade do século XIX podem ser explicados como enfrentamentos entre a coalização maronita-francesa contra a união drusa-otomana-inglesa” (MAIHY, 2016, p.54).

Foi nesse contexto que Dom Pedro II passou pelo país em 1876, percorrendo seus povoados montado em uma égua branca, fazendo com que muitas das famílias que viviam em uma sociedade massacrada pelas guerras quisessem deixar a sua terra para tentar uma vida nova do outro lado do mundo. Os processos de emigração, bem como as guerras, não pararam e a passagem de Dom Pedro II foi fundamental para o Brasil entrar na rota de principais destinos escolhidos pelos libaneses. “Algumas pessoas, ao ouvir dos pais o relato sobre o imperador brasileiro que visitou o Oriente, decidiram emigrar para o Brasil e hoje têm seus netos e bisnetos no Brasil, que ainda falam da passagem do imperador” (KHATLAB, 2015, p.135). Afinal, além das guerras, as famílias viviam

principalmente da agricultura, que mal dava para o seu sustento em uma economia de escambo, e vieram no Brasil uma forma de melhorar de vida.

Assim, a visita de Dom Pedro II com suas andanças pela região iniciou uma corrente migratória de árabes, especialmente sírios, libaneses, palestinos e egípcios, que vieram para o país sul-americano. Isso foi facilitado antes mesmo da visita do imperador quando, em 1860, a imigração no Brasil foi regulamentada e oficializada. Desta forma, para esta pesquisa, optou-se por delimitar geograficamente o Rio Grande do Sul como local que recebeu imigrantes que formaram parte da diáspora libanesa da primeira metade do século XX, pois foi nesse período que chegaram boa parte dos libaneses que hoje formam uma comunidade que, através de filhos e netos, chega às cerca de sete milhões de pessoas.

Para tanto, a pesquisa de Bittencourt-Francisco (2020), que conta a história da chegada de sírios e libaneses no Sul do Brasil no início do século passado, é fundamental para este estudo, pois seu levantamento foi feito a partir de pesquisa bibliográfica, documental, além de entrevistas à descendentes e libaneses que viveram o processo migratório. Na obra, ele explica que a diáspora libanesa foi global e simétrica, “tendo acontecido ao mesmo tempo em diversos lugares, inclusive dentro do próprio Líbano, quando cristãos das montanhas migraram para Beirute logo após os massacres no início da década de 1860” (BITTENCOURT-FRANCISCO, 2020, p. 33). Ainda conforme o autor, foi entre 1895 e 1914, nos anos 1920 e no pós-1945 que foram registradas as entradas mais expressivas dos imigrantes libaneses no Brasil, fazendo com que esse seja o recorte da presente pesquisa, mesmo reconhecendo que a corrente migratória rumo ao Brasil iniciou antes e segue até hoje.

Outra obra importante que trata do tema é *Os Libaneses*, de Murilo Meihy (2016), que além da história, enfatiza aspectos culturais dos imigrantes libaneses. “Um simples passeio pelas ruas das grandes cidades libanesas revela que o Líbano é uma encruzilhada cultural onde os clichês mais clássicos sobre a relação entre Oriente e Ocidente se dissolvem” (MEINY, 2016, p. 12). Antes de se abordar as relações entre diáspora e imaginário no processo migratório dos libaneses rumo ao sul do Brasil, contudo, é necessário apresentar brevemente estes dois conceitos.

Diáspora e imaginário: diálogos possíveis

Inicialmente vale destacar que o deslocamento do ser humano ao redor do globo procurando novos pontos de fixação ocorre há milênios. “Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos – após a Expulsão do Paraíso, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* – literalmente, ‘não estamos em casa’” (HALL, 2009, p.26). Conceitualmente, entende-se diáspora como uma dispersão de um grupo étnico, cultural ou religioso de sua terra de origem para diferentes regiões do planeta. Tal deslocamento pode ocorrer tanto por questões políticas, sociais, econômicas ou até mesmo por outros movimentos migratórios feitos voluntariamente.

Independentemente de o deslocamento ser voluntário ou forçado, há sempre o encontro entre grupos de origens diferentes quando há tais movimentos, afinal, ele pode surgir a partir da fuga de refugiados de uma região em guerra ou na chegada de colonizadores que se valeram da violência para dominar certas regiões, como aconteceu no caso da colonização europeia na América Latina e no continente africano, por exemplo. A partir disso, inicialmente se pensava na diáspora de uma forma mais fechada, focada em uma concepção binária de diferença onde havia uma fronteira de exclusão e uma construção do outro como algo antagônico, como se fosse uma relação onde existem alguns “dentro” e outros “fora”. Porém, estudando a diáspora caribenha, Hall (2009, p.33) destaca que tais configurações foram sendo alteradas, formando-se uma “noção derridiana de *différance* – uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*”, em que os significados que são relacionais e posicionais estão sempre se deslizando “ao longo de um espectro sem começo nem fim”.

Como mencionado por Hall (2009), todas as relações diaspóricas envolvem processos de troca e convergência, ou, como define Canclini (2013, p.39), hibridez. “Considero atraente tratar a hibridação como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e os outros vocábulos empregados para designar misturas particulares”. Há, então, o encontro entre grupos de pessoas que passam a se relacionar das mais diferentes maneiras, pois cada um tem o seu próprio passado, suas próprias memórias e cultura. “Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando

este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem” (CHAMBERS, 1990, p. 104). Ou seja, é através da linguagem, entendida aqui como expressão comunicacional diversa, que tais relações começam a ser concretizadas.

Mesmo em um mundo globalizado e com comunicação instantânea propiciada pelas plataformas digitais, cada grupo de pessoas que se desloca carrega consigo a identidade da terra que ficou para trás.

Esse cordão umbilical é o que chamamos de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua ‘autenticidade’. É claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história. (HALL, 2009, p.29)

Assim, tais relações passam a ser complexificadas, pois, como aponta Hall (2009, p.28), “essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior”. Isso, em um primeiro momento, pode parecer estar imune a uma mudança recente no local de residência, no entanto, as relações humanas são homogêneas e as trocas são constantes. Tais intercâmbios culturais, contudo, não apagam as marcas das memórias sobre a terra que foi deixada, o que muitas vezes faz com que a vontade do retorno nunca seja completamente abandonada. “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda a parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (HALL, 2009, p.28). Mesmo não havendo tal retorno, há nesses processos uma copresença entre os povos, que acaba sendo fundamental para que tais comunidades formem uma imagem dos outros e deles mesmos.

Chega-se, portanto, ao conceito de imaginário e toda a sua amplitude e complexidade. “Todo imaginário é real. Todo real é imaginário. O homem só existe na realidade imaginal. Não há vida simbólica fora do imaginário” (SILVA, 2003, p.7).

Além disso, o imaginário atua como um recurso interpretativo que influencia as mais diversas percepções coletivas e individuais acerca da diáspora, desenhando as formas como as pessoas que estão em deslocamento se veem e são vistos pelos outros. “O imaginário é a marca digital simbólica do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido” (SILVA, 2003, p.12). Tal marca desempenha um papel importante na formação das redes de imigrantes que se formam nos mais variados espaços geográficos e na construção das comunidades transnacionais em um contexto que envolve, além de questões econômicas e culturais, também aspectos culturais e emocionais.

Durand (2001), por sua vez, salienta que o imaginário está presente como uma estrutura fundamental em todas as culturas humanas, enfatizando o papel do simbolismo, das polaridades e dos arquétipos nas formações imagéticas. Ele acrescenta que, assim como uma mediação entre a realidade concreta e a subjetividade dos seres humanos, o imaginário apresenta uma natureza evolutiva, complexa e dinâmica, influenciado por questões sociais, históricas e culturais. Para Durand (2001, p.42), dois elementos são fundamentais para se pensar o imaginário: a cultura e a psicologia. “Assim o trajeto antropológico pode indistintamente partir da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido entre esses dois marcos reversíveis”.

Considerando tais premissas, Silva (2020) apresenta uma sistematização com cinco possibilidades para se pensar o imaginário. São elas: 1) imaginário como ambiente ou atmosfera; 2) imaginário como ficção compartilhada; 3) imaginário como fantástico do cotidiano; 4) imaginário como memória afetiva; e 5) imaginário como excedente de significação. Para a presente pesquisa, optou-se pela perspectiva de imaginário como ambiente, em uma convergência dos olhares apresentados por Silva (2020) e Durand (2001), que apontam o imaginário como uma aura que não se pode ver, mas que é possível se sentir, ou seja, seria como uma atmosfera ou um ambiente

Análise de Conteúdo: categorizando o imaginário diaspórico libanês

Para fazer a análise proposta, metodologicamente, ressalta-se que esta é uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, que é “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 1994, p.71).

Entende-se que a Análise de Conteúdo, de Bardin (2011), é o caminho mais adequado para atingir os objetivos anteriormente propostos. “O objetivo é desmontar as mensagens, mostrando aspectos despercebidos em um primeiro momento” (SÁ MARTINO, 2018, p.160). Assim, optou-se pelo sistema de categorias, que foram definidas após observar as principais características do material. Para tanto, em um primeiro momento foi feita a pré-análise e depois a exploração do material para, posteriormente, ser feito o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, ou seja, valendo-se do que a autora vai chamar de inferência, que vai além da descrição dos conteúdos. Ou seja, o interesse está “no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a ‘outras coisas’” (BARDIN, 2011, p.44).

Com base na pesquisa de Bittencourt-Francisco (2020), mas também levando em consideração aspectos históricos e culturais que resultam na diáspora libanesa apresentados por outros autores, como Meihy (2016), Fisk (2007) e Khatlab (2015), elencou-se as seguintes categorias:

TABELA 1

Categoria	Onde aparecem?
1) Profissão/Atividade econômico	Em que setores os imigrantes conseguiram se inserir ao chegar ao Brasil e quais atividades predominaram entre os filhos de pais imigrantes?
2) Educação/Língua	Como foi a inserção dos imigrantes no sistema educacional brasileiro considerando o aprendizado da língua portuguesa e presença do árabe no cotidiano dos libaneses?
3) Clubes/Sociedades/Redes de apoio	Como os imigrantes que chegavam do Líbano eram recebidos pelos que chegaram antes?
4) Família/Matrimônio	Como foi a relação cultural entre a tradição da estrutura familiar árabe e a cultura ocidental do país onde os imigrantes estavam chegando?

Fonte: elaboração do autor

Por fim, vale ressaltar que todas as categorias vão ser analisadas a partir da delimitação espaço-temporal: Rio Grande do Sul da primeira metade do século XX.

Laços Transoceânicos: as características da sociedade libanesa no sul do Brasil

A viagem de Dom Pedro II ao Oriente foi registrada em diário e recuperada por Khatlab (2015). Nos textos do imperador brasileiro, já aparece a primeira categoria, a atividade econômica, que traria consigo a imagem que os ocidentais passariam a fazer dos imigrantes libaneses, principalmente através da arte de negociar produtos, que ficou conhecida como mascate. A palavra começou a ser usada na língua portuguesa justamente por ser o nome da cidade árabe de onde vieram os primeiros imigrantes do Oriente Médio no Brasil (Mascate, capital do Omã), que trabalhavam comprando e vendendo os mais variados produtos. Já em árabe, conforme Khatlab (2015), mascate é Ahla Kacha, que significa “povo da caixa”. Esse dinamismo e personalidade empreendedora, inclusive, foi o que chamou a atenção de Dom Pedro II, que aprendeu a falar árabe justamente pelo grande número de imigrantes do Oriente que já viviam no Rio de Janeiro, capital brasileira da época, antes das suas viagens. Conhecendo o povo árabe, um dos objetivos da visita que ele fez ao Líbano e outros países em 1876, era trazer mão de obra para desenvolver o vasto território brasileiro.

Khatlab (2015, p.355) descreve essa característica do povo árabe que chamou a atenção do então imperador do Brasil:

O monarca observou no povo árabe o dinamismo, o espírito aventureiro, ativo e empreendedor, e constatou que até mesmo os intelectuais tinham seu lado comercial, herdado de seus antepassados, comerciantes por excelência graças aos intercâmbios comerciais e culturais que escreveram a sua história. Tais características de dinamismo e mobilidade eram de grande importância num país tão vasto quanto o Brasil, que estava se expandindo e precisava de muita mão de obra.

Assim, os primeiros imigrantes libaneses que vieram ao sul do Brasil encontraram no comércio a sua principal atividade econômica. Os mascates, inclusive,

tiveram papel fundamental no desenvolvimento do interior do país, “pois chegavam aonde nem o correio chegava na época, levando novidades e notícias das cidades grandes e favorecendo assim o intercâmbio entre o campo, os povoados e as cidades” (KHATLAB, 2015, p.356).

A figura do caixeiro viajante, que ao longo da primeira metade do século XX já fazia parte do imaginário popular brasileiro com a criação de personagens da literatura, tais como Riobaldo e Balduíno, de *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, aos poucos foi sendo relacionada com a imagem dos imigrantes libaneses. A profissão também foi explorada pelo repórter fotográfico Pilagallo (2012), que apresentou no século XXI um rico acervo de imagens do desenvolvimento da profissão no Brasil do início do século XX. Apesar disso, no caso do Rio Grande do Sul, entre os imigrantes sírios e libaneses que chegaram entre 1939 e 1949, das 753 pessoas que vieram dos dois países orientais, 522 eram homens e, destes 352 foram identificados por Bittencourt-Francisco (2016) como comerciantes. Neste universo, contudo, apenas 10 eram caixeiros viajantes. Apesar disso, observa-se que a maioria dos imigrantes libaneses encontrou ocupação no comércio, fortalecendo a assimilação que criou entre os árabes e as atividades comerciais. “O imaginário estrutura-se na errância: assimilação, apropriação, assimilação e acaso” SILVA, 2003, p.14).

Ao mesmo tempo em que os imigrantes libaneses buscavam uma inserção na economia do Rio Grande do Sul, eles também tinham outra adversidade a ser enfrentada: a aprendizagem da língua portuguesa e o ingresso, principalmente dos filhos, no sistema educacional local. Chega-se, portanto, à segunda categoria deste estudo. Segundo Bittencourt-Francisco (2016), é ponto consensual entre os pesquisadores da História e da Antropologia sobre imigrantes libaneses no Brasil a importância que eles davam à educação formal de seus filhos. Ou seja, muitos utilizavam a atividade no comércio para financiar os estudos dos descendentes. O autor cita o exemplo do Colégio Anchieta, de Porto Alegre, que em 1916 contava com apenas um aluno libanês e chegou aos 23 em 1929. Assim, ao longo da primeira metade do século XX foi se formando duas principais correntes na ocupação dos imigrantes libaneses no Rio Grande do Sul.

De fato, enquanto alguns descendentes estudavam, inclusive entrando em cursos superiores, outros jovens imigrantes chegavam ao Brasil, igualmente no início de suas jornadas, e começavam suas trajetórias de mascate pelo interior, em que não raro se estabeleciam em cidades emergentes pela instalação de novas colônias ou nos distritos menores de cidades médias, depois de alguns anos trabalhando como ambulantes (BITTENCOURT-FRANCISCO, 2016, p.204).

Destarte, tem-se aqui um elemento característico do movimento diaspórico: a preocupação dos imigrantes que chegam com as futuras gerações de sua comunidade. Tal processo de imersão na sociedade do local para onde se migra, no caso dos libaneses que vieram para o Rio Grande do Sul da primeira metade do século XX, concentrava-se, portanto, na imersão na atividade econômica, especialmente através do comércio, e na inclusão de crianças e adolescentes em instituições de educação formal. Foi assim que aconteceu o encontro entre culturas distintas – ocidental e árabe – em um processo intercultural. “Pertencem, de fato, a um movimento transnacional, e suas conexões são múltiplas e laterais. Marcam o fim da ‘modernidade’ definida exclusivamente nos termos ocidentais” (HALL, 2009, p.44).

Em cada imersão, seja na atividade econômica, seja na educacional, os libaneses carregaram consigo a tradição da terra de onde vieram e isso se refletiu no imaginário que se criou acerca dos imigrantes. “O passado libanês é o patrimônio maior de seus povo, e já que muitos deles reivindicam para si certo encantamento pelos fenícios, que habitaram as terras na Antiguidade, cabe aqui respeita essa escolha feita mais com o coração do que com a razão” (MEIHY, 2016, p.24). Todos esses aspectos vão contribuir para a formação do imaginário como um ambiente, como um lugar que se caracteriza muito mais pelas suas características do que por números quantitativos. “Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra” (DURAND 2001, p. 75).

Em seguida, como terceira categoria identificada após a análise do material, está os clubes, sociedades e redes de apoio. Longe da sua terra natal, esses primeiros imigrantes se uniam para enfrentarem juntos as dificuldades provocadas pela diáspora libanesa, formando verdadeiras redes de solidariedade, como bem aponta Bittencourt-Francisco (2020, p.224): “Fosse em Buenos Aires, Dakar, Marselha, Nova York ou Rio

de Janeiro era comum a esses viajantes conhecer um parente, um vizinho ou um amigo que pudesse lhe oferecer apoio, até mesmo financeiro, durante a travessia e ampará-lo na chegada, facilitando sua adaptação ao novo meio”. Essa união entre os imigrantes foi fundamental para que diversas famílias não sucumbissem diante das dificuldades encontradas longe de casa, principalmente se considerar que o idioma e a cultura dos povos de origem e de destino eram completamente diferentes. Em um primeiro momento, os imigrantes se encontravam em bares e cafés onde se reuniam para conversar, até porque eles tinham o idioma em comum. Em pouco tempo, já estavam inaugurando sociedades organizadas, com sede, diretoria, cronograma de eventos e outras atividades que, não apenas ajudava na integração e fortalecimento da rede de apoio, mas também na inserção da comunidade libanesa na sociedade local.

Já nessas primeiras associações, os participantes dividiam um espaço para conversar, ler jornal, jornal gamão, xadrez e carteadado, beber e tomar café. Bittencourt-Francisco (2016) explica ainda que o surgimento de diversas associações na época da Primeira Guerra Mundial, como foi o caso de Pelotas e Porto Alegre, também contou com a influência de comitês patrióticos que foram criados por iniciativa dos cônsules franceses no Rio Grande do Sul. Naquela época, entretanto, o lazer não era o único objetivo da criação dessas sociedades. Em Pelotas, por exemplo, o cônsul francês fundou um desses comitês patrióticos no início de 1917 em defesa da Síria e do Monte Líbano. A ideia era atrair os imigrantes para a luta contra a opressão do Império Turco e também “promover o alistamento militar entre eles, a fim de engrossar um suposto ‘batalhão sírio’ aquartelado na Ilha de Chipre que estava esperando ordens para embarcar de volta à Síria para lutar ao lado dos franceses contra os turcos no Oriente Médio” (BITTENCOURT-FRANCISCO, 2022, p.228). Entretanto, no caso de Pelotas, a primeira Sociedade Libanesa se dissolveu aos poucos após o fim da Primeira Guerra Mundial, voltando a ser ativada novamente apenas em 1957, mantendo-se em funcionamento até hoje.

Por fim, a família e o matrimônio é a última categoria apontada, estando relacionada com todas as outras. Assim como na natureza o cedro é a principal marca do país, estando presente, inclusive na bandeira libanesa, nos aspectos culturais a família e o matrimônio são protagonistas. Meihy (2016, p.18) explica que, diferentemente de muitas culturais ocidentais, no Líbano se entende por família qualquer pessoa que possa

ter alguma ligação passada com os seus antepassados. O reencontro entre familiares, seja no Brasil ou no Líbano, é ilustrativo para entender a importância da família na cultura libanesa:

Não se trata apenas de pai, mãe e irmãos (o que já daria um número significativo de pessoas), mas de todas as 150 criaturas que vão lhe esperar no aeroporto com cartazes, flores e potes de plástico com porções de comida libanesa de que você mais gosta. O mundo inteiro se divide em dois tipos de pessoas, os parentes e os amigos da família, e toda a vez que você chega em casa, seus pais lhe apresentam um familiar desconhecido que resolveu fazer uma visita depois de 25 anos

O mesmo vale para o matrimônio. O mesmo autor salienta que o indivíduo quando casa, independente do gênero, renasce socialmente por meio da cerimônia que envolve demonstrações públicas de crescimento econômico e social, geralmente feita através de grandes festas que apontam uma perspectiva rápida de ter filhos e *status*. “É por essa razão que todos são convidados aos casamentos libaneses, já que é preciso um grande número de pessoas para testemunhar o êxito de um projeto que não pertence somente aos noivos” (MEIHY, 2016, p.17). Principalmente se forem consideradas as confraternizações de união matrimonial da primeira metade do século XX, tal tradição tinha um peso ainda maior. Assim como as outras três categorias, o matrimônio e a família também auxiliam na formação de um imaginário da diáspora libanesa no Rio Grande do Sul, criando uma atmosfera própria que envolve tal comunidade.

Considerações finais

Os aspectos históricos, culturais e econômicos que envolvem a diáspora libanesa no sul do Brasil permitem que seja feita a interpretação da criação de um imaginário no sentido dado por Durand (2001) e Silva (2020) como uma aura que não se pode ver, mas é possível de se sentir, ou seja, seria como uma atmosfera ou um ambiente. “Boa parte das vezes, em situações cotidianas de conversação ou em tentativas de descrição de um conjunto complexo de vivências, é nesse sentido que se usa o termo imaginário” (SILVA, 2020, p.9).

A partir da criação e da descrição interpretativa das quatro categorias apresentadas neste artigo é possível, então, pensar em um imaginário diaspórico

envolvendo libaneses que vieram para o Brasil na primeira metade do século XX, bem como no desenvolvimento da comunidade libanesa no sul do país nas décadas seguintes. Afinal, além das características, o imaginário, neste sentido, também fica diretamente relacionado à época em que tal ambiente foi formado. “Por imaginário, nessa linha, entende-se o ambiente em que algo está mergulhado, o que produz uma atmosfera, gera uma aura e caracteriza o ar de um tempo” (SILVA, 2020, p.9). Vários elementos podem estar ligados a esse tipo de imaginário: o jeito de falar, os gostos, a cultura, as opções éticas ou estéticas, as ideologias, as mitologias e narrativas, as utopias, as ideias compartilhadas, enfim, “tudo aquilo que marca um modo de existência sendo causa e consequência de um momento singular. Imaginário, então, é o cenário e o brilho que dele emana” (SILVA, 2020, p.10).

O que Hall (2009) vai chamar de copresença de povos vai resultar em uma relação cultural dialógica, que segue sempre em constante transformação, envolvendo “nativos” e “recém-chegados”, formando a partir de então um imaginário, no sentido de um ambiente ou uma atmosfera, como um lugar simbólico partilhado entre os imigrantes libaneses que chegavam ao sul do Brasil para formar uma identidade cultural plural e híbrida, lidando com convergências e divergências das culturas orientais e ocidentais, considerando a perspectiva crítica de Said (1990), que inclusive inicia o seu livro *Orientalismo* mencionando a guerra civil libanesa e Beirute. A partir disso, tem-se esse imaginário, que vai ser um dos elementos principais na formação cultural de tal comunidade, que é mais amplo e totalizante. Ou ainda, um imaginário, que como destaca Durand (2002), “é origem de libertação” e não de recalçamento.

Encerrando este artigo, é importante ressaltar que ele integra o projeto de pesquisa intitulado “Narrativas da diáspora: imaginação, identidade e imigração”. As categorias identificadas ao longo desta análise serão objeto de investigações mais aprofundadas em estudos futuros. Ademais, espera-se que este estudo possa atuar como uma fonte de inspiração, incentivando outros pesquisadores a prosseguirem com a investigação dessa relevante temática. O aprofundamento no entendimento das narrativas da diáspora é fundamental para uma compreensão mais abrangente dos processos de identidade e imigração, contribuindo, assim, para o enriquecimento do conhecimento acadêmico e para o desenvolvimento de ações mais conscientes e inclusivas na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BITTENCOURT-FRANCISCO, Júlio. **Dos cedros aos pampas: Memórias da imigração - Sírios e libaneses no sul do Brasil**. Curitiba: Brazil Publishing, 2020
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FISK, Rober. **Pobre nação**. São Paulo – Rio de Janeiro: Record, 2007.
- HALL, Stuart. **Da diáspora – Identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- KHATLAB, Roberto. **As viagens de D. Pedro II – Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876**. São Paulo: Benvirá, 2015.
- MEIHY, Murilo. **Os libaneses**. São Paulo: Contexto, 2016.
- PILAGALLO, Oscar; DIWAN, Pietra. **Comércio: do mascate ao mercado**. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2012.
- SÁ MARTINO. **Métodos de pesquisa em comunicação – Projetos, ideias, práticas**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SILVA, Juremir Machado. “Cinco versões de imaginário”. **Revista Memorare**. Tubarão: Unisul, 2020.